

MEMÓRIA LOCAL: HISTÓRIAS DE VIDA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO  
LOCAL MEMORY : BIOGRAPHIES IN SÃO GONÇALO COUNTY

Autores:

Professora Alix Pinheiro Seixas de Oliveira ( Coordenadora do projeto de Memória Oral ,professora do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Bolsistas do curso de Graduação em História da UERJ: Andrea Fernandes Costa, Leonardo Nobre , Rui Aniceto Nascimento Fernandes ( Graduado em História pela UERJ e bolsista do PROATEC-UERJ)e Marilda Flores (pesquisadora associada).

Parafraseando Luiz Palmier, podemos dizer que a história de São Gonçalo, no século XX, ainda está para ser escrita. Palmier, prefaciando seu clássico trabalho dos anos de 1940, escreveu que “A história de São Gonçalo ainda ficará por se fazer...”( Palmier. *São Gonçalo Cinquentenário.História , Geografia e Estatística*.RJ:Serviços Gráficos do IBGE,1940) . Esta observação queria salientar a sua contribuição para a história de São Gonçalo até então sem nenhum registro sistemático.

A produção historiográfica sobre São Gonçalo é extremamente escassa. Associada a isso há ainda outras características que deixam suas marcas: o factualismo e o diletantismo. Tais características não são significativas apenas da produção sobre São Gonçalo. A produção da história local vem preocupando os “dilettantes historiadores provincianos” sem orientações acadêmicas.

Apesar de escassa, a produção sobre a Terra Gonçalense vem sendo desenvolvida desde os anos de 1940. Suas preocupações básicas têm sido divulgar a origem da terra e sua importância frente às regiões do entorno e do Brasil. Assim , procurou-se estudar a ocupação da região nos séculos XVI-XVIII; a constituição da sociedade mercantil-escravista; a influência da Igreja Católica na constituição social, geográfica e da autonomia administrativa local; o estabelecimento das tradicionais famílias e a trajetória dos grandes vultos.

Entretanto ,nesta produção o século XX vem sendo deixado à margem. Justiça seja feita, Palmier procurou sistematizar todas as informações que considerava relevantes para a história e para a divulgação propagandística da região no seu cinquentenário de emancipação político-administrativa de Niterói.

Para o período posterior à obra de Palmier as preocupações são pontuais. Aparecem os manuais didáticos para as séries iniciais do ensino fundamental. A exceção que aqui deve ser mencionada é o trabalho de Maria Nelma de Carvalho Braga ( Braga.*O Município de São Gonçalo*

*e suas Histórias*.S.G.Edição Independente,1997), que, seguindo os passos do médico-historiador, procurou detalhar diversas informações sobre os mais diversos aspectos da localidade até os anos da década de 1990.

A preocupação, para este período, vem sendo listar os infindáveis chefes do executivo local, as personalidades nativas ou migrantes (adotivos) “que auxiliaram no progresso da região”. Procura-se registrar a “pujança” econômica da “Manchester Fluminense” e o vazio após o seu declínio.

A produção acadêmica, que vem tendo um impulso desde os anos de 1980, tem procurado alterar os focos de objetos e objetivos. Neste contexto podemos destacar os trabalhos que vem sendo realizados pelo Laboratório de Pesquisa Histórica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que tem desde 1999 suas atenções voltadas para esse período.

Se quisermos utilizar um marco político-administrativo podemos dizer que a República em São Gonçalo inicia-se em 1890. Nesta data São Gonçalo deixa de ser um distrito da então capital do estado – o qual era desde 1815 – e torna-se município autônomo, no campo político administrativo. A proximidade e a ligação entre o Município de São Gonçalo e o de Niterói impôs ao primeiro laços de dependência que perduram até hoje.

O processo de municipalização, dessa busca pela autonomia marca os primeiros setenta anos do município. Durante este período a região voltou a perder sua autonomia (1891), recuperou-a (1892); perdeu territórios (o distrito de Itaipú foi anexado à Niterói nos anos de 1940). Constitui-se numa fase marcada pela instabilidade do executivo municipal. Contabiliza-se neste período compreendido entre os anos de 1890-1940 nada menos do que cinquenta e seis chefes do executivo – incluindo aí os presidentes do Conselho de Intendência, presidentes da Câmara, que assumiram funções executivas, prefeitos nomeados, interventores e raros eleitos. Isto demonstra uma rotatividade no cargo que gera uma grande instabilidade no governo local.

Associado a tal característica encontramos um município iminentemente agrícola com um parque industrial em formação durante as décadas de 1920 e 1930, que se concentra no Quarto Distrito: Neves. Neves passa a ser o grande catalizador das políticas públicas de urbanismo durante este período: ruas são calçadas anteriormente às da sede do município, os sistemas de transporte procuraram ligar o distrito à capital do estado e do país, intensa concentração e vida operária que promove incentivos a construção de vilas, clubes, sindicatos operários. Os ares do quarto distrito diferem das demais regiões do município que conservam suas grandes e tradicionais fazendas. Em Neves localizava-se o principal jornal da região “A Gazeta” e o seu sucessor “O São Gonçalo”.

Nos anos da década de 1950 o quadro começa a sofrer alterações. A política está mais estabilizada contando com prefeitos com mandatos regulares e o surgimento de uma figura que

dominou a política, até mesmo após a sua morte, durante os anos de 1990 e que deixou profundas raízes no pensamento político atual: Joaquim de Almeida Lavoura.

Também é nessa segunda metade do século que o perfil da cidade se modifica. As grandes fazendas passam a ser loteadas e constituem diversos novos bairros. Essas regiões passam a não mais ser habitadas por nativos/trabalhadores locais. Elas passam a concentrar a população que vai servir de mão de obra para os grandes centros: Rio de Janeiro e Niterói. Passa a existir o estigma da cidade dormitório.

As fazendas vão se extinguindo. As indústrias vão se transferindo para outras regiões. Resta ainda o comércio, que não sustenta durante muito tempo sua vitalidade dos anos de 1980.

São Gonçalo passa por vazios que atingem diretamente a identidade do município. A produção historiográfica sobre a região procura então resgatar a sua auto-estima. Daí não ressaltar o processo de “decadência” que de certa forma é transmitido pelo depoimento oral, ressalta-se então o passado “glorioso” dos conquistadores, da Boa Sociedade, etc. A história oral pode possibilitar uma mudança no enfoque do século XX.

A Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro mantém o Laboratório de Pesquisa Histórica e ligado a ele, uma linha de pesquisa voltada para a História do município de São Gonçalo. A partir desse trabalho que já se desenvolve há alguns anos, observei profundas lacunas em termos de fontes documentais, principalmente a partir dos anos 50. Com o intuito de resgatar e preservar a História do município, elaborei e passei a executar, com a participação de alunos bolsistas do curso de História, um projeto de levantamento de depoimentos de idosos que se encontra no momento em processo de conclusão.

Mapeamos o município de São Gonçalo e selecionamos doze idosos, com os mais diversos níveis de educação formal, situação sócio-econômica e postura política, para serem alvos de nossas entrevistas. Entre esses idosos tivemos o cuidado de procurar atingir dois universos de moradores: o primeiro foi composto daqueles que denominamos “históricos”, isto é, nascidos e criados nos bairros mais tradicionais da cidade com os quais pudéssemos explorar memórias acerca de um outro São Gonçalo, com menos de cinquenta mil habitantes e por outro lado, o tempo em que era conhecido como a “Manchester Fluminense”. O segundo grupo foi formado pelos “imigrantes”, moradores vindos de outros estados ou outros países (um dos entrevistados é original de Portugal), principalmente nas décadas de 60 e 70 e que fizeram parte da nova ocupação da região, com a formação de grandes loteamentos que rapidamente se transformaram em várias áreas de concentração urbana. Nas entrevistas dos chamados “históricos” pudemos recuperar parte da vida em família, de bairro, festas populares, a evolução dos meios de transporte, ao longo de mais de cinquenta anos. Em relação aos “imigrantes” tornou-se possível a

reconstituição do processo de transferência das famílias, as perspectivas e as vicissitudes enfrentadas na implantação dos novos bairros e seu impacto sobre essas histórias de vida.

Iniciamos a tomada de depoimentos com a figura impar de Dona Aída de Souza Faria. Uma senhora com aproximadamente 86 anos- há controvérsias sobre a data de seu nascimento, como se verá adiante- que possuiu uma inserção forte nos círculos do poder e da intelectualidade local. Conheceu uma outra Neves (bairro do município de São Gonçalo que faz limite com o município de Niterói) e São Gonçalo do bonde, do início da industrialização e da urbanização. Herdeira da tradição de seu pai- elemento envolvido nos círculos dirigentes locais – exerceu uma longa carreira no magistério, ora como docente, discente ou diretora de Escolas; participou da política local, sendo eleita a primeira vereadora de São Gonçalo; ocupou cargos de confiança por indicação dos chefes do executivo estadual e municipal. Atualmente desenvolve intensa atividade cultural nas associações locais e retornou à Universidade como aluna do curso de pós –graduação de História da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Através de seu relato pode-se perceber um outro São Gonçalo, uma outra forma de ver, viver, identificar-se com o município tanto no passado como no presente. Seguem-se trechos da entrevista com Dona Aída de Souza Faria, realizada no dia 25 de junho de 2001:

**P: A senhora já nos falou que seus pais não eram originários de São Gonçalo, poderia nos falar a respeito disso?**

**R:** Meus pais eram de Boa Esperança ( interior do Estado do Rio de Janeiro ), todos os dois. Porém não se conheceram naquela localidade. Àquela época era usual o rapaz ou a moça adolescente , principalmente quando a família lutava com dificuldade, ir para a cidade grande, com o intuito de conquistar melhores condições de vida. Foi exatamente isso que meu pai fez.

A mãe de meu pai teve dezenove filhos , sendo o meu pai um dos mais velhos. Ele ajudava o meu avô no serviço da agricultura, no plantio. Pensava em viajar para a cidade grande para ajudar a família. Então com doze anos de idade disse ao pai “Vou viajar. Meu pai eu vou ser feliz”. O meu avô então falou: “ Eu tenho um irmão no Rio de Janeiro, na rua da Lapa. Tem uma grande casa de eletrecidade ,e,você, sentindo alguma grande dificuldade, procure o seu tio. Ele tomou o trem e veio para a cidade grande. Passou por grandes dificuldades ,porque não queria incomodar ninguém.

Ele trabalhou por conta própria, foi engraxate e também teve outros ofícios. Um dia resolveu procurar o tio Artur Ribeiro, que o empregou na loja onde ele se especializou em eletrecidade. Esse ofício, esse novo aprendizado, lhe deu a oportunidade de trabalhar no Loyd Brasileiro, onde permaneceu por muitos anos. Porém, antes de ir para o Loyd ele se casou com a Dona Maria, minha mãe, que trabalhava como doméstica em uma casa muito rica na rua do Catete.

**P: Como seus pais se conheceram?**

R: Naquela época era muito comum, aos domingos, as moças passearem nas praças. Havia quermesse. E num desses passeios eles se conheceram e acabaram se casando. Ao conversarem se declararam de Boa Esperança, riram muito por não terem se conhecido lá, achando que era coisa do destino. Minha mãe foi uma pessoa que viveu do trabalho e para o trabalho. Se o casal conseguiu alguma coisa foi porque ambos trabalharam muito. Mamãe era uma fiel companheira e trabalhou muito para ajudar meu pai. Em todas as atividades ela estava a seu lado.

Mamãe teve dez filhos, partos terríveis, ainda me lembro, porque sou a filha mais velha, dos horrores pelos quais ela passou. Hoje a obstetrícia está muito avançada, mas há uns setenta ou oitenta anos atrás era uma dificuldade, era o tempo das célebres parteiras, que faziam os partos em casa, sem recurso algum. Sobreviveram apenas cinco filhos, os outros cinco morreram.

**P: Dona Aída, essa ida então de Boa Esperança para o Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro para São Gonçalo, como foi?**

**R:** Eu sou a filha mais velha do casal. Nasci na Santa Casa de Misericórdia (na cidade do Rio de Janeiro). No Rio de Janeiro naquela época ainda havia resquícios da epidemia de gripe espanhola que instalou o terror na cidade. Minha mãe, preocupada com minha saúde me levou a um médico, que aconselhou: "A senhora não fique no Rio com essa menina, porque ainda há pontos infectados com a tal gripe espanhola. Então eu vou lhe aconselhar uma cidade agradabilíssima, com clima saudável, muito boa para se morar: São Gonçalo". Meus pais seguindo o conselho se mudaram para Neves. E realmente eu alcancei uma São Gonçalo aprazível, perfumada pelos laranjais, coberta de árvores e hortas.

**P: A senhora tinha quantos anos então?**

**R:** Era muito pequenina, um ano talvez. Nos mudamos primeiro para a Rua Alberto Torres, a rua principal de Neves. E logo meu pai inaugurou uma casa de negócios para a venda de doces. Ele ainda continuou no Loyd por algum tempo, mas como os negócios davam bons resultados, passou a se dedicar inteiramente ao comércio. Minha mãe trabalhava muito, era doceira, ela era quem fazia tudo. Quando os filhos alcançavam sete, oito, nove anos de idade, ela os ensinava a levar o que ela produzia para a colocação no comércio. Fazia muita cocada, muitos pudins e foi isso que rendeu ao casal justamente o que eles esperavam, até que a casa se tornou pequena. Nos mudamos então para outra rua no mesmo bairro, a Rua Maurício de Abreu. Nesta, uma casa maior, minha mãe ainda teve outros filhos.

**P: Dona Aída, nessa primeira casa morava a família. E o negócio?**

**R:** O negócio era na frente, o salão era na frente. A casa de moradia, propriamente dita, era nos fundos. Quando nos mudamos para a rua Maurício de Abreu também era assim. A vida naquela época era mais modesta que hoje, criava-se os filhos mais à vontade. As crianças iam de tamanquinho para o colégio. Minha mãe mesmo usava tamanco para trabalhar o dia todo. O calçado

não era chique mas protegia os pés da friagem do piso. Depois disso papai comprou uma casa na Travessa Ribeiro, no Paiva.

**P: Mas nessa casa da Maurício de Abreu, vocês viveram quantos anos? E que recordações a senhora guarda dessa época?**

**R:** Ali nós devemos ter morado uns oito anos. A casa era muito grande, tinha uma escadinha na frente. À tarde mamãe e as outras mães de família da vizinhança colocavam as cadeiras na calçada para conversarem, enquanto os filhos brincavam na rua que não era calçada, mas tinha outras coisas muito importantes: confraternização, amor, união. As crianças brincavam à vontade, o trânsito era pequeno. As crianças brincavam aproximadamente de seis da tarde às nove da noite. As mães, sentadas na calçada, trocavam idéias, faziam crochet ou tricot, mas o objetivo maior era estar perto dos filhos, observando as brincadeiras.

A condução era o bonde. A princípio ele passava de hora em hora, mais tarde passou a ser de meia em meia hora. Era uma infância boa. As meninas brincavam de boneca, panelinhas, até por volta dos quinze anos. Porém eu nunca gostei de brincar de boneca. Eu fui uma criança diferente. Eu tinha bonecas mas não gostava, tinha raiva das minhas bonecas. Era uma raiva infantil, mas eu fazia cara feia para elas!

**P: De quais brincadeiras a senhora tem recordação?**

**R:** Eu me lembro de muitas. Eu brincava de professora, tanto que, quando fiz treze, quatorze anos, eu dava aulas para todas as crianças de nossa vizinhança. Todas. E me lembro de ter dado aulas a um vizinho que se tornou craque do futebol brasileiro, o Zizinho. Dei aulas para ele e para todas as irmãs dele. Nós éramos vizinhos. Eu gostava tanto de ensinar que minha mãe mandou fazer uma sala de aulas no quintal de nossa casa. Lá colocou um quadro de giz e mobiliou com carteirase uma mesa para a professora- que era a filha dela- e aquele foi um dos melhores presentes que ganhei. Quem leciona, aprende, e essa experiência me ajudou a ter melhores notas no colégio. E comecei a ganhar dinheiro. Cobrava cinco mil réis de cada família, cinco mil réis naquela ocasião era muito dinheiro, era uma nota grande. As famílias tinham o maior prazer em me pagar e até achavam barato! Mas eu ficava tímida de cobrar mais. Eram crianças que brincavam comigo de boneca, nós éramos comadres. Houve até um poolítico que foi deputado da Assembléia Constituinte que foi meu compadre de bonecas, o Oliveira Rodrigues.

As meninas batizavam as bonecas e os meninos se vestiam de padres. Eram festas muito bonitas, eram um motivo de reunião das famílias. Foi uma infância boa.

Na casa da Travessa Ribeiro, no Paiva, meu pai tinha um comércio varejista, um armazém, mas logo em seguida ele comprou um grande armazém na Avenida Paiva, com cinco portas de aço. Esse comércio seria comparável a um supermercado de hoje, porque vendia não só comestíveis, frutas e hortigranjeiros, mas também artigos de armarinho.

**P: Dona Aída, nesse momento separou-se o comércio da casa da família, certo?**

**R:** Sim, porque ele foi progredindo. Eles trabalhavam muito e foram vendo o resultado desse trabalho. E os filhos também foram colaborando com os pais.

**P: A senhora podeira falar um pouco sobre seus irmãos?**

**R:** Meus irmãos eram todos mais novos que eu. Quando meu pai e minha mãe iam almoçar, eles ficavam olhando o armazém, ajudavam a levar caixotes de compras até à casa dos fregueses, pois papai sempre dizia: "Não quero filho malandro aqui em casa. Vamos trabalhar. Há tempo de trabalhar, há tempo de estudar". Os pais cuidavam muito desse lado. Meus irmãos e eu sempre estudamos em escolas públicas. Nos mudamos para o Paiva (bairro limítrofe ao de Neves) ainda na década de vinte. Eu era uma menininha, mas pude assistir ao desenvolvimento da região. Era um bairro agradável para se viver, a vizinhança era muito boa. Testemunhei todo o progresso do Paiva e também o de Neves. Neves, com as suas indústrias, com seu comércio, com a rede escolar, já possuía dois jornais antes dos anos trinta. Tínhamos primeiro "A Gazeta" de Abílio José de Mattos e depois tivemos "A Comarca" de Turíbio Rosa Tinoco. Por tudo isso Neves ajudou São Gonçalo a ser chamada de "Manchester Fluminense".

**P: E esses jornais, onde se localizavam?**

**R:** "A Comarca" ficava na Rua Maurício de Abreu e a "A Gazeta" no Largo de Neves. Mais tarde "A Gazeta" transferiu-se para o centro de São Gonçalo e em 1930 foi empastelada. O Abílio José de Mattos não resistiu àquele choque. Alguns dizem que foi uma injustiça, que o jornal era imparcial, mas os que se diziam legalistas da Revolução de 30 não procuraram pesquisar e invadiram o jornal, dando aos seus diretores um grande prejuízo. Neves era de importância vital. Através de seu porto escoavam os produtos gonçalenses para o mercado da Praça XV, no Rio, utilizando embarcações denominadas faluas. Todo o litoral gonçalense era rico em portos, por isso temos até hoje denominações como: Porto da Ponte, Porto da Madama, Porto do Gradim, etc...

No centro de Neves havia um café, o Café Paris. Era muito bonito, com quiosques, fontes d'água jorrando, muitos jardins, uma área muito grande. Ali era o "point" das personalidades de São Gonçalo. Dali saíam as decisões políticas não só para São Gonçalo como para o Estado. Ali se reuniam personalidades como o Norival de Freitas (deputado), Capitulino dos Santos Júnior, Juvenal Figueiredo, o meu pai (Justiniano Pereira de Faria), Rubens e Valter Orlandine.

Até 1920 Neves era conhecido apenas como Quarto Distrito. Depois dessa data passou a se chamar Quarto Distrito de Neves. Na década de 30 o Distrito de Neves chegou a ter três deputados eleitos: Valter Orlandine, Francisco Lima e Jerônimo de Andrade.

O comércio era fabuloso, tínhamos a serraria Henrique Bessa, uma das mais antigas do Município, o Hime, metalúrgica, primeira fábrica a produzir parafusos no Brasil, por onde passaram milhares de operários. Dava gosto ver às seis e meia da manhã a movimentação de

Neves, na Rua Barão de São Gonçalo ,para onde dava o portão principal da fábrica. Às dezesseis horas aquela turma saía e já entrava outra, sendo o operariado dividido em turmas.

Havia também a fábrica de “ Ron Merino” e a de fogos Santo Antônio. O setor de tecidos e armarinho contava com a forte presença de sírios e libaneses. Estes foram pioneiros nesse tipo de comércio em São Gonçalo .As lojas eram enormes e nelas se encontrava praticamente tudo .Quando essas lojas foram demolidas, para que se pudesse construir naquela área, o povo de Neves ficou muito abalado pois já desenvolvera o hábito de comprar ali e de assistir à propaganda ruidosa que era feita à porta das lojas, com “slogans” os mais inusitados.

O transporte de massa era basicamente o bonde ,que contava com funcionários muito inclinados à delicadesa e ao respeito. Eles inclusive tomavam conta das crianças que eram levadas para as escolas naquele tipo de condução. O condutor andava no estribo de um lado para o outro, cobrando as passagens e o motorneiro ia na direção do veículo. Os bancos de madeira acomodavam cinco pessoas. Havia muitos bondes com reboque de carga que transportavam laranjas e tangerinas, de excelente qualidade, produzidas no Município.Os primeiros bondes ligavam São Gonçalo a Niterói, depois a rede foi estendida até Alcântara.

Por tudo isso se projetou o bairro de Neves, pelo progresso indiscutível que alcançou. Ganhou também a Vila Lage, uma bela vila operária construída por Henrique Lage, casado com Melansone Lage, cantora lírica brasileira. As lindas casas construídas eram assobradadas com jardins na frente e dos lados, pequenos jardins floridos.A Avenida Lúcio Tomé Feiteira ainda não era asfaltada, era de terra. A frente da Avenida Lage era um enorme pântano, onde se encontravam e aprisionavam jacarés e milhares de rãs. A fauna local era extremamente rica pois Neves era coberto por mangues.

**P:A senhora viu a construção da Vila Lage?**

**R:** Eu vi. Tínhamos bem em frente da Vila Lage, do lado oposto, um dos clubes mais antigos de Neves, o Carioca Futebol Clube, onde aconteciam muitos bailes, muitas festas bonitas.Por lá passaram os presidentes mais dinâmicos a exemplo de Tomás Soares da Silva, pai de Zizinho.

Não podemos deixar de sublinhar os canavais do Paiva .Chamavam muito à atenção as batalhas de confeti e os banhos à fantasia. Muita gente de outros municípios vinha assistir ao carnaval de Neves, que contava também com ranchos com fantasias em papel crepom.

**P:Sobre sua vida escolar, a senhora poderia nos dizer qual foi a primeira escola que frequentou e quantos anos tinha?**

**R:** Eu fui alfabetizada em casa, aos cinco anos já sabia ler. Já lia, escrevia meu nome e os dos meus irmãos.Foi minha mãe quem me alfabetizou. Embora tivéssemos muito próximas de casa algumas escolas ,como o Grupo Aurélia Quaresma e outros no Largo de Neves como o Santos Dias e o Euclides Picanço, minha mãe preferia alfabetizar os filhos antes que estes ingressassem

na escola. Com dez anos eu havia terminado o primário. A primeira escola foi o Grupo Escolar Nilo Peçanha. Ainda hoje está no mesmo lugar, no bairro Zé Garoto. Só que antes era um prédio muito mais bonito do que é hoje. Era um prazer estar na escola. Até hoje eu tenho amigas do tempo de infância, do tempo da escola. Conviviam no Grupo Escolar Nilo Peçanha crianças pobres e herdeiros das famílias mais importantes de São Gonçalo. Era um convívio muito saudável.

A diretora, Dona Albertina Campos, era muito simpática, baixinha como eu, muito estudiosa, também de família muito importante. Foi a primeira diretora do primeiro grupo escolar de São Gonçalo - o Grupo Escolar Nilo Peçanha. Quando houve a inauguração eu estive presente à festa, com meus pais.

O Grupo Escolar era muito bonito, rodeado por uma varanda larga. As janelas do corpo da casa davam para essa varanda e havia uma escadaria na frente. As salas de aula davam todas para esse varandão. E a diretora morava na casa do grupo escolar, pois antigamente era assim. As diretoras tinham a residência na escola.

Dona Albertina Campos era muito caridosa. Quando houve a construção do Hospital de São Gonçalo, ela foi presidente de uma associação denominada Damas de Caridade, composta por senhoras da elite local. Tínhamos Olga Benevides Palmier, esposa de Luis Palmier, Odisséia Siqueira que era poetiza, teatróloga e compositora, entre outras. Trabalhavam paralelamente com outras associações para a construção do hospital, conseguida com muito sacrifício.

**P: A senhora mencionou o fato da arquitetura do prédio ter sido descaracterizada?**

**R:** Completamente. Atualmente não se tem a mínima idéia de como era o Grupo Escolar Nilo Peçanha.

**P: Dona Aída, por que a opção por um grupo escolar no Zé Garoto. Não havia outras escolas em Neves?**

**R:** Meu pai era delegado nessa época e a delegacia estava localizada na Rua Moreira Cesar 105, no Centro. Meu pai tinha um Ford e aproveitava para me levar e buscar no colégio. Quando dava onze e meia, meio dia, o sinal da escola tocava e papai ouvia lá da delegacia e vinha me buscar para almoçar.

**P: Então costumeiramente a senhora ia e voltava da escola de carro?**

**R:** Quase sempre. Não ser quando meu pai tinha uma diligência pra fazer, aí eu ia de bonde com minhas colegas. Eu adorava, gostava mais de andar no bonde, porque minhas colegas utilizavam aquele meio de transporte.

**P: O que a senhora presenciava nesse trajeto?**

**R:** Tínhamos uma vegetação muito rica, até no próprio grupo escolar, a área era muito grande, com mangueiras no fundo do quintal e um grande patio. Todas as ruas eram arborizadas e bem em frente ao Grupo Escolar Nilo Peçanha havia um importante armazém que ficou famoso, o

comércio do Zé Garoto .O seu apelido acabou dando nome ao bairro e à praça. Ele pertencia à família Azevedo, era irmão do Dr. Fernando Azevedo .A praça se chama hoje em dia ,oficialmente, Estephânia de Carvalho, mas o povo é incapaz de chamá-la assim. Ficou sendo mesmo a praça Zé Garoto e pronto.

**P:Dona Aída, até quando a senhora estudou lá?**

**R:** Fiz até a Quinta série, depois o chamado curso de admissão que existia naquela época e então meu pai me levou para o Liceu (conhecido colégio estadual do Município de Niterói ) .Eu fui para a Escola Normal e naquele tempo ainda se escrevia Nictheroy.O Dr. Armando Gonçalves, então diretor do Liceu, era amigo de meu pai .Ele olhou para mim e disse: “Capitão ,(papai era Capitão da Guarda Nacional, sendo conhecido como Capitão), mas o sr. Está trazendo este bebê para a Escola Normal?” Para se matricular na Escola Normal era preciso ter quinze anos, no mínimo, meu pai então me registrou como nascida em São Gonçalo( lembrem-se !eu havia nascido no Rio de Janeiro ,na Santa Casa de Misericórdia e tinha dez anos de idade! ) .Então eu fiz a prova e passei. Isso nunca me incomodou!

A Escola Normal era muito boa, tenho grandes recordações daquela época.Estudávamos Latim do primeiro ao quinto ano. Tínhamos professores maravilhosos,o Ismael Coutinho, o Sávio Antunes, as irmãs Bittencourt, que depois vieram a ter um colégio em Niterói. Depois do primeiro ano Normal veio a transformação em Liceu Nilo Peçanha, assim saiu o Dr Armando Gonçalves e entrou o Dr. Álvaro Vilaverde, um diretor também severo.As saias tinham que ficar dois ou três dedos abaixo dos joelhos, as blusas eram de mangas compridas e as séries eram registradas com cadarços brilhosos nos ombros. O aluno do Liceu era considerado um aluno de elite . Depois de cinco anos no Liceu , foi criada a Escola Complementar Rui Barbosa, com a duração de dois anos, que eu também cursei. Me formei muito jovem, com dezesseis anos incompletos.

**P:Nessa época da Escola Normal, já havia um namoro?**

**R:** Eu não tive a mocidade com a qual sonhei porque papai era severo demais.Os casamentos, não só na minha casa,não, mas na maioria dos lares, eram tratados, combinados e marcados pelos pais. O pai que tinha uma filha professora não aceitava que ela se casasse com um homem pobre .Então, eu não tive um casamento feliz, tanto que não foi duradouro.Tive um filho que sofreu um desastre de carro e em conseqüência disso ficou doente por trinta e seis anos, ele já é falecido.

Com dezessete anos fiz concurso para a prefeitura e passei, o prefeito ,então, era o coronel Franciso Lima.Trabalhei nove anos em escola da prefeitura e em 1946 fiz concurso para o Estado.Fui classificada em décimo lugar e escolhi Ponta Negra ( na época ninguém podia ficar em seu próprio município, a não ser as primeiras três colocadas na Escola Normal ,que recebiam nomeações-prêmio).Era muito longe, mas próxima à estação do trem .Fiquei lá seis anos.

**P:Nessa época seu filho...**

**R:** Mamãe e meu companheiro cuidavam do menino. Era uma vida sacrificada. A história do magistério é uma história de lutas. Os governantes se esquecem que eles passaram pelas mãos dos professores primários. Eu sempre entrava nos concursos de remoção. Minhas férias eram tomadas pelos cursos. Minha primeira remoção foi para Itaboraí. Trabalhei lá três anos e vim para o Engenho Pequeno em 1950 ( próximo a Neves ). A escola é a Luisa Honório do Prado, eu a conheci quando trabalhei lá. De lá fui para a número 18 ( as escolas eram numeradas ) e em seguida para a nova escola, A Escola Estadual Santos Dias , em Neves. A diretora já estava para se aposentar e o governador Roberto Silveira me nomeou diretora. Não quis morar na escola porque morava próximo ao grupo e já estava nessa época com o meu colégio ( Escola Particular Francisco de Paula em Neves ) particular. Fundamos um jardim de infância e colocamos o nome de um aluno que morreu no incêndio do circo “norte americano” . Gostei muito da experiência na direção. Saí de lá aposentada. Fazíamos belas festas onde até o governador comparecia. Quando estava me aposentando o governador colocou dois cargos à minha disposição: A inspetoria de ensino e o presídio de mulheres ( no centro de Niterói ). Eu já estava na Faculdade de Direito e decidi ser útil àquelas mulheres, isto foi em 1968. Minha família ficou horrorizada, eu fiquei lá por nove anos e tenho boas recordações. Formamos um grupo de ajuda: *Amigos do Instituto Social*. Conseguimos com a ajuda do governo , uma escola e uma igreja.

A experiência como diretora do presídio foi uma das melhores de minha vida. Elas não são culpadas . A culpa é da sociedade. Uma pessoa desempregada, passando dificuldades , perde a noção do certo e do errado. O tempo que passei lá não foi maravilhoso mas serviu de experiência. Para mostrar o outro lado da vida. Eu valorizo muito a família. É muito triste voltar para casa e não encontrar ninguém.

**P: Dona Aída, sabemos que em 1962 a senhora foi eleita a primeira vereadora de São Gonçalo. Como foi essa experiência?**

**R:** Eu estava numa reunião no Grupo Escolar Santos Dias. De repente surgiu o tema do esquecimento do professor por parte do governo. Uma das professoras opinou que uma de nós deveria ser a representante da escola. Lourdes Terra pegou uma caixa de giz, escreveu nossos nomes em pedaços de papel e pediu a um aluno da primeira série que fizesse o sorteio. Saiu o meu nome. Meu pai foi contra mas como eu insistisse muito, me apresentou ao Flávio Monteiro de Barros, presidente do PTB e eu passei a assistir às reuniões do partido . Foi uma bomba em São Gonçalo. Fui eleita com quase mil votos. O prefeito eleito foi o Joaquim Lavoura . Éramos de partidos opostos, mas só me filiei ao partido por causa da legenda.

**P: E como foi essa campanha?**

**R:** Eu escolhi Neves. Ia para a frente do cinema ( cinema Neves) e dizia às pessoas que iria ser a primeira mulher a ocupar uma vaga como vereadora. Não queria ficar à frente dos homens, mas ao

lado. Meu tio facilitava. Quando acabava o filme ele pedia que não saíssem e eu dava uma palavra. Todos queriam ouvir a sobrinha do Sr. Manoel. Eram os cinemas Vitória, Santa Helena, Floresta. Acabei sendo eleita.

Quando eleita passei a observar os passos de Lavoura, que era um homem preocupado com a população, acabei sendo expulsa do PTB por apoiar o Lavoura. Fui então à tribuna e disse ter sido eleita para trabalhar pelo povo gonçalense. Pedi ao taquígrafo que registrasse: *Eu vou ser lavourista*. Foi um escândalo. Os jornais noticiaram. Nunca deixei de ser lavourista. O sol nunca encontrou Lavoura dormindo. Ele sempre me apoiou muito.

**P: Dona Aída, a senhora estava na Câmara em 1964, como a senhora se recorda daquele momento?**

**R:** Lembro com bastante nitidez. Houve muita perseguição. Toda perseguição é injusta. Os políticos mais visados eram aqueles que tivessem pronunciado alguma palavra contra o governo e aceitado “ideologias estrangeiras”. A reunião seria às 20 horas, mas desde as 18 horas o povo já estava aglomerado em frente, porque os jornais noticiavam que a prefeitura iria receber a visita dos militares. Eu fiquei tranqüila porque sempre amei muito minha pátria. Eu nunca fui atrás de integralistas ou comunistas. Até conhecia alguns. Naquela noite o exército chegou sem pedir licença, com uma lista contendo os nomes de todos que deveriam estar no 3º BI, todos sem exceção.

Combinamos de irmos juntos. Nos receberam num grande salão e nos chamaram por ordem alfabética. Fui a primeira. O oficial informou que tinha no papel a vida de todos nós. Então eu fui dispensada para tomar um café numa sala próxima.

**P: Naquele momento todos ficaram?**

**R:** Ficaram. Não foram liberados.

**P: Nenhum?**

**R:** Alguns mais tarde foram liberados. O oficial falou da ficha para todos ouvirem.

**P: Dona Aída, depois se restabeleceram as reuniões da Câmara sem essas pessoas?**

**R:** Alguns foram presos, uns por seis meses; perderam o mandato e um desapareceu, nunca mais se soube. Os suplentes tomaram os seus lugares na Câmara.

**P: E como a Câmara reagiu em relação a isso?**

**R:** Não houve reação alguma. Ninguém se atrevia. A revolução não foi um estouro, não houve tiros. Mas os reflexos foram muito fortes e prolongados. Até hoje.

**P: Dona Aída, depois a senhora resolveu tentar a reeleição?**

**R:** Não, porque fiquei com meu filho muito mal. Recentemente (eleições municipais de 1998) tentei como terapia, depois de uma doença muito grave; meus amigos votaram em mim.

**P: Dona Aída a senhora é uma pessoa muito ativa na vida cultural...**

**R:** Pertença à Academia de Letras desde a sua Fundação, ao ADESG , ao MEMOR (Núcleo de Memória, Pesquisa e Promoções Culturais de São Gonçalo ) ,AGLAC (Academia Gonçalense de Letras,Artes e Ciências ), Instituto Histórico e PROSEG ( Grupo Pró-Valorização do bairro do Zé Garoto ).

**P:Dona Aída, a senhora que viu a São Gonçalo das décadas de 20 e 30 e a de agora, como a sra. avalia essa transformação e o que a sra. gostaria de ver modificado?**

**R:** São Gonçalo foi tida como a cidade mais poluída do mundo. São Gonçalo teve seu momento de esplendor .90% do território era coberto por laranjais. São Gonçalo tem uma história muito bonita,mereceu o título de Manchester Fluminense.Atualmente as pessoas têm vergonha de dizer que moram em São Gonçalo.Quando estudava na SUAM ( Faculdades Augusto Motta- Instituição Particular- Rio de Janeiro) , não gostava quando as alunas faziam piadas sobre São Gonçalo.Nós tivemos nomes importantes: Lavoura, Palmier. Muita coisa mudou. A poeira das ruas não existe mais. Temos muitas escolas, que homenageiam pessoas de fora.Sou contra.

**P:Isso tem acontecido?**

**R:** Muito. Por que colocar *Anísio Teixeira, João Cabral de Mello Neto*.Este nunca veio à São Gonçalo. Meu pai, fez tanto pelo Município, Nunca vai ser lembrado.

**P:A sra. gostaria de acrescentar alguma coisa?**

**R:** O professor, hoje, não tem muito o que comemorar. Os governos viraram as costas para o professorado. Antigamente o professor dava livros de presente, agora, coitadinho, ele é quem tem que ganhar livros porque não recebe o suficiente para comprá-los. Eu tenho uma solução. Qualquer dia vou escrever sobre ela. O Brasil precisa ter como presidente da República uma mulher. Outros países já possuem e o resultado é muito bom.

**São Gonçalo,26 de junho de 2001**

Dona Aída de Souza Faria, uma “histórica”, foi nossa primeira entrevistada.Seguiram-se Dona Alzira Correa de Mello, antiga funcionária da Câmara de Vereadores de São Gonçalo, o sr. George Gomes Savalla, mais conhecido pelo nome artístico de “Carequinha”, a sra Judith Faria Silva e família imediata, idosa de 101 anos , o membro mais antigo da Primeira Igreja Batista de São Gonçalo, Dona Carmen e Sr Abel, imigrantes.Os últimos depoimentos já se encontram marcados e estamos prevendo o mês de setembro para a apresentação da versão final do trabalho, que incluirá além dos depoimentos registrados, parte do acervo iconográfico e documental já catalogado pelo Laboratório de Pesquisa Histórica da FFP-UERJ.

Bibliografia Básica:

- 1) Amado, Janaína e Ferreira, Marieta(orgs) *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- 2) Bosi, Ecléa. *Lembranças de Velhos*. SP: Quatro Rodas, 1983.
- 3) Brown, Cynthia S. *Like It Was. A complete guide to writing Oral History*. New York : Teachers & Writers Collaborative, 1988.
- 4) Ferreira, Marieta M.; Fernandes, Tânia; Alberti, Verena(orgs). *História Oral: Desafios para o século XXI*. RJ: Editora Fiocruz , CPDOC/FGV , 2000.
- 5) Meihy, José C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola , 1996.
- 6) Meihy, José C.S.B.(org) *Reintroduzindo a História Oral no Brasil*. SP: Ed. Xamã, 1996.
- 7) Ritchie, Donald A. *Doing Oral History*. New York: Twayne Publishers, 1995.
- 8) Thompson, Paul. *The Voice of the Past: Oral History*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

**Resumo:** O trabalho final consistirá na publicação de doze depoimentos editados de moradores idosos do Município de São Gonçalo, alguns “históricos” e outros “imigrantes”, produzindo novos documentos para o estudo da História de Município a partir das décadas de 50 e 60.

**Abstract:** The final work will consist in publishing twelve edited interviews from two categories of São Gonçalo citizens: the “historic” and the “immigrants” .These accounts will turn into new documents that we expect will contribute greatly to tell the county’s recent history.

Palavras-chave:

História de Vida – História de São Gonçalo – Memória de Idosos – Escolas e Educação

Key Words:

Biographies – History of São Gonçalo County – Memories of the elderly – Schools and Education